

OS HOMENS DE CIÊNCIA E A HIGIENE DO LEITE NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Marco Antonio Stancikⁱ - PPG-UFPR

Introdução

No início da década de 1930, em obra prefaciada por Roquette Pinto, Magalhães Corrêa se propôs a relatar diversos aspectos do dia-a-dia dos habitantes dos “sertões” cariocas. Em certa passagem, ele assim se expressou:

Dos ambulantes das zonas urbana e suburbana, que se infiltram na rural, são mais conhecidos: ‘*A vaca leiteira*’, auto-caminhão, reservatório de leite gelado, que passa, pela manhã e à tarde, por todas as zonas, vendendo o litro de leite a setecentos réis, e manteiga, em caixinhas (...).

O *leiteiro*, a cavalo, transporta os litros lacrados, isto é, com tampões de papelão, em *sacos de leite*, manta ou alforje, que colocam sobre o selim, e cujas partes laterais são construídas de duas camadas de compartimentos, para colocação de oito litros em cada uma; assim leva a domicílio, mas torna-se mais caro, custando o litro mil réis. É muito comum serem meninos os que fazem a distribuição, pela manhã e à tarde.ⁱⁱ

O que se constata nessa passagem é a convivência, senão concorrência, entre duas formas de se relacionar e comercializar aquele produto. Uma transição que se deu em meio à construção de diferentes identidades, geradoras de conflitos simbólicos, disputas e lutas por poder.

O veículo era uma inovação, um meio de transporte recentemente introduzido, com vistas a oferecer o produto em conformidade com exigências também recentemente estabelecidas por homens de ciência e autoridades sanitárias. Exigências estas que nem sempre se fizeram perceber como uma necessidade real para muitos dos produtores, comerciantes, consumidores e mesmo autoridades sanitárias.

Exemplo disso podemos constatar na forma como, poucos anos antes, o Dr. Nilo Cairo – médico formado pela faculdade carioca, professor do ensino superior, bacharel em Matemática e Ciências Físicas e engenheiro militar – descreveu a forma como o leite de origem bovina chegava até seu consumidor final. Segundo Nilo Cairo:

Na roça ou nas vilas e mesmo em cidades pouco populosas, o leite é vendido em garrafas comuns, que os leiteiros arrolham com sabugos de milho, na falta de rolhas de cortiça, e que eles felizmente mudam constantemente, dada a grande abundância dos sabugos; mas, nas grandes cidades, ou quando os leiteiros têm recursos e são cuidadosos, o leite é vendido em garrafas especiais de um ou meio litro, bojudas e de boca larga para facilitar a lavagem, arrolhadas com um tampo de mola munido de borracha. (...)

Em algumas cidades, em que a municipalidade não o proíbe, a distribuição é feita, às vezes, pelos pequenos vaqueiros, levando a vaca de porta em porta e aí a mungindo, à vista do freguês; neste caso, o leite é vendido sempre mais caro, a 200 réis o copo.ⁱⁱⁱ

Observa-se que, na percepção de Nilo Cairo, o emprego de sabugos de milho nada tinha de surpreendente, não sendo por ele questionado. Ao contrário, ele o encarava com absoluta naturalidade, parecendo estar bastante familiarizado com aquele procedimento. O mesmo em relação à ordenha de porta em porta.

No entanto, a naturalidade com que Nilo Cairo se reportou a aqueles procedimentos, observáveis desde o período colonial, não era partilhada por todos. Em certa medida, em consequência do clamor de alguns agentes que se ocupavam de alguma forma com o leite e seus derivados, o produto foi, aos poucos, deixando de ser atividade de homens montados a cavalo. A partir do momento em que homens de ciência, autoridades sanitárias e gestores públicos por ele passaram a se interessar, aqueles tiveram que ceder espaço. Mesmo que lentamente e em alguns lugares de forma mais acentuada que em outros.

Novos tempos deveriam assim ter início, proclamavam os homens de ciência. Em lugar de rudes trabalhadores e de animais desfilando pelas ruas em meio à poeira e

adotando procedimentos com alguns séculos de uso, novos veículos motorizados e aptos a fornecerem o leite sob certas condições higiênicas deveriam ser empregados. Uma dessas condições era a baixa temperatura do produto, impossível às montarias.

Outras inovações, ou, dizendo de forma mais adequada, novas necessidades recentemente criadas se faziam presentes. Para melhor compreendê-las, num primeiro momento cabe fazermos algumas breves reflexões tendo em vista as noções de práticas, representações e apropriação. Em seguida, retomaremos a problemática do leite nos tempos da Primeira República, na forma como as autoridades sanitárias e os homens de ciência a percebiam, verificando quais eram as suas observações, suas críticas e suas proposições.

História, apropriação e representações

Partimos do pressuposto segundo o qual “pertencimentos distintos proporcionam condições diferenciadas a partir das quais os agentes e as instituições atribuem sentido”,^{iv} apropriando-se diversamente dos mesmos objetos culturais. Entendemos ainda que a existência desses pertencimentos e condições diferenciadas são característicos de qualquer espaço social. E estão eles na base de uma série de conflitos que se estabelecem entre esses agentes e instituições que o compõem.

Por isso, “as idéias, como qualquer outra instituição, são vivas. Tendem não ao imobilismo, mas ao movimento e à transformação, e respondem a interesses e conflitos que não são apenas de natureza intelectual.”^v Assim, se produtores, comerciantes, consumidores de leite e homens de ciência divergiram em diversos aspectos, isso pode ser melhor esclarecido pensando-se suas práticas e representações tendo em vista suas múltiplas pertenças.

De tal forma, segundo Chartier, cabe ao historiador esclarecer “o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada,

dada a ler”.^{vi} Ainda nas palavras do historiador francês, ao esclarecer a noção de apropriação:

A apropriação, a nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de produção do sentido (...) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as idéias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.^{vii}

Os homens de ciência e o leite

Freiras adicionando água ao leite servido aos internos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro... Portadores de hanseníase fabricando queijo em Minas Gerais... Urina de vaca adicionada ao leite vendido à população em outras localidades...

Vivia-se um drama nos tempos da Primeira República. É o que denunciavam, por vezes originando divergências, alguns sanitaristas, médicos, inspetores de leite e laticínios naquele período. Segundo estes, o leite então produzido, comercializado e consumido por todo o Brasil era, em grande parte, nocivo à saúde da população.

A situação por eles descrita era alarmante. Segundo afirmavam, não seria raro encontrar-se pessoas portadoras de hanseníase manipulando produtos laticínios destinados ao consumo humano. Esperavam desta forma obter algum alívio para o mal, ou talvez até mesmo encontrar sua cura.

O assunto foi motivo de divergências durante a realização da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios, realizada em 1925 no Distrito Federal. Na ocasião, o médico Dormundo Martins denunciou: “Há em Minas Gerais uma crença de que quem sofre da moléstia de Hansen, deve, para curar-se ou melhorar, trabalhar em produtos

laticínios. Por isso é que se vê de preferência esses infelizes entregues, naquele estado, a tal indústria. Na Zona da Mata tal coisa atinge as proporções de uma calamidade. Em São João D'El Rei isso é uma lástima!".^{viii}

E prosseguiu, afirmando ser do seu conhecimento a descoberta de uma falange humana no interior de um queijo produzido em Minas Gerais. Ela, segundo afirmou o médico, teria sido perdida por um portador da doença, empregado em alguma indústria de laticínios.^{ix}

Independente da comprovação ou não das denúncias – o caso da falange parece até mesmo indicar uma grande dose de exagero -, o certo é que uma série de interesses econômicos permeavam aquela fala. Parte considerável do leite então consumido no Distrito Federal era proveniente do interior do estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais.

Sem entrar em mais detalhes, é certo que, uma vez levados a sério relatos daquela natureza, de imediato poderiam eles trazer conseqüências negativas para o comércio mineiro. Seja pela rejeição ao produto da parte dos consumidores, seja na adoção de mais amplas medidas restritivas à sua comercialização. Entretanto, mais à frente veremos que não era apenas isso, ou seja, que outros aspectos, além do econômico, perpassavam as denúncias do médico.

Outros exemplos das práticas criticadas podem ser encontrados nos relatórios dos inspetores de leite que atuavam na Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura. Em 1928, Sócrates Alvim fez as seguintes considerações:

Os processos de ordenha do leite são ainda muito primitivos entre nós. O serviço é geralmente feito em currais lamacentos, sob uma cobertura grosseira e sem comodidades e limpeza alguma, praticado por indivíduos ignorantes, desasseados e brutais, que espancam os animais, operam a mungidura com mãos sujas, sem lavar as tetas e o úbere das vacas, metendo os dedos no leite, a fim de retirar espuma com que amaciam as tetas, deixando escorrer na vasilha receptora o caldo de leite e sujidade que lhes cai das mãos, deixando penetrar na vasilha do leite pêlos, ciscos e respingos de fezes do animal ordenhado, empregando no serviço vasilhame impróprio e mal limpo etc. (...) Tudo isso

representa um mal irreparável, visto que não há pasteurização e tratamentos outros capazes de transformar em bom leite um produto originariamente mau e estragado.^x

Por tudo isso, Aleixo de Vasconcellos, reconhecido como uma das maiores autoridades brasileiras em temas relativos ao leite e laticínios,^{xi} afirmava que o leite, um dos principais alimentos do ser humano, era também um fator importante na transmissão de doenças e nas taxas de mortalidade infantil. Portanto, assim deparamo-nos com uma outra faceta da questão que incomodava aqueles homens de ciência. Um leite oferecido à população em más condições de higiene tendia a revelar-se um sério problema de saúde pública.

Onde há aglomerações, como ocorre de forma mais acentuada nos centros urbanos, e, ao mesmo tempo, circulação de pessoas, mercadorias, etc., há também o intercâmbio de outros elementos indesejáveis. Entre eles, muitos capazes de causar doenças. O leite bovino, nas condições descritas, era apontado como um deles.

Entendemos no entanto que se tanto o fator econômico quanto a questão da saúde pública se faziam presentes nas críticas, ainda assim outros aspectos revelavam-se nas palavras de alguns daqueles que se ocupavam com o leite. Homens de ciência como eles, ao mesmo tempo em que aprofundavam seus conhecimentos, nos livros, nas faculdades, nos congressos, nas visitas e contatos com o exterior, conheciam ao mesmo tempo outras realidades. Realidades que distinguiam os países mais desenvolvidos economicamente, seu grau de “civilização”, o seu “progresso”, que tanto almejavam estender ao Brasil.

Na perspectiva de Souza Patto, eram dois os grandes projetos que ocupavam a classe dominante naquele período: “superar a humilhação frente ao ‘atraso’ do país em relação aos ‘países civilizados’, pela realização do sonho provinciano de assemelhar-se à Europa, e salvar a nacionalidade pela regeneração do povo.”^{xii}

Portanto, aqueles homens de ciência apelavam para o patriotismo, o qual era sempre aludido associando seu trabalho aos interesses da nação – como se ela pudesse

ser vista e/ou transformada num todo homogêneo e em uníssono. Era o trabalho em prol da prosperidade e do progresso do país.

E o que significava, para eles, o progresso? Seria a eliminação física, por todo o território nacional, bem como em todas as mentes e corações, dos resquícios dos tempos coloniais. Transformação a ser operada nos procedimentos cotidianos da população, nas suas instituições e, não menos, nos corpos de seus habitantes. Afinal, como salientou Souza Patto, estava em pauta a regeneração do homem. E o leite, que Aleixo de Vasconcellos qualificou em determinado momento como o principal alimento humano, deveria contribuir naquela importante e urgente missão.

Por isso, pelo menos três dimensões, três diferentes facetas profundamente imbricadas permeavam as representações daqueles homens de ciência relativas ao país e sua população. Eram elas a econômica, a sanitária e outra que podemos denominar civilizatória/regenerativa. Empreendimento este cujas origens mais remotas já podem ser encontradas no século XIX e, com muito mais nitidez, a partir do início do século XX.

Apesar disso, o olhar dirigido ao leite revelava inúmeras permanências daqueles tempos que se pretendia apagar. Talvez porque significativas parcelas da população, incluindo até mesmo alguns homens de ciência, simplesmente insistiam em mantê-las vivas. Elas, provavelmente, eram parte de sua forma de ser e estar no mundo. Com isso, ficava difícil alterar a imagem do Brasil e de sua população e dar-lhes um verniz de civilização, tal qual se tentou, por exemplo, com a reforma urbanística e o saneamento do Distrito Federal nos primeiros anos do século XX.

ⁱ Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. *E-mail*: marcostancik@hotmail.com.

ⁱⁱ CORRÊA, M. **O sertão carioca**. Rio de Janeiro: J. Leite, 1936, p. 233.

ⁱⁱⁱ CAIRO, N. **Guia prático do criador de animais domésticos**. São Paulo: C. Teixeira, 1925, p. 240-241.

^{iv} STANCIK, M. A. Entre a defesa e a regeneração: alternativas e opções para o aprimoramento da raça na década de 1920. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 21-36, dez. 2003, p. 24. Também disponível em: <http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2003_2/02.pdf>.

^v *Ibid.*, p. 34.

^{vi} CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990, p. 16-17.

^{vii} CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991, p. 180.

^{viii} CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Artes Graphicas, 1926, p. 159.

^{ix} ALVIM, S. Primeira exposição e conferencia nacional de leite e derivados. In: MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. **Revista de zootechnia e veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 23-33, 1926, p. 29-32.

^x ALVIM, S. Relatório de dezembro de 1926. In: MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. **Revista de zootechnia e veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 15-22, 1927, p. 19-20.

^{xi} STANCIK, M. A. Aleixo Nóbrega de Vasconcellos: um homem de ciência da Primeira República. **Estudos de História**, Franca, v. 10, n. 2, p. 203-220, 2003, p. 204.

^{xii} SOUZA PATTO, M. H. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 167-198, 1999, p. 178-179. Além da Europa, podemos acrescentar, para o período em análise, os Estados Unidos como outro modelo que se desejava imitar.